



UM OLHAR PARA O INESPERADO: QUANDO ESCOLA E MATEMÁTICA PEGAM DELÍRIO

*Vivian Nantes Muniz Franco
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
viviannmfranco@gmail.com*

Temática: História, Filosofia e Educação Matemática

Resumo: Este trabalho apresenta uma pesquisa de mestrado em desenvolvimento que busca compreender como as crianças espacializam a escola na Educação Infantil e de que modo significam a matemática neste espaço. Para isso, tem-se construído narrativas com crianças de 4 e 5 anos que frequentam a Educação Infantil, buscando problematizar as narrativas no contexto da infância, olhando para as práticas escolares e matemáticas narradas. Neste artigo traremos algumas reflexões acerca dos conceitos de infância, criança, escola e matemática, que pegam delírios ao serem narrados pelas crianças, desestabilizando nossos olhares frente a uma pesquisa dessa natureza. Assim, junto ao Manoel de Barros, conseguimos perceber como as narrativas das crianças e o inesperado que elas trazem, alteram e movimentam essa pesquisa, pesquisadoras, objetivos e concepções. Dessa forma, esperamos que essas discussões contribuam para repensarmos o modo como nos relacionamos e tratamos a infância, olhando para suas experiências com a escola e a matemática.

Palavras-chave: Pesquisa com crianças; Infância; Narrativa; Educação Matemática.

Uma pesquisa...

Neste texto, propomos discutir sobre alguns possíveis encaminhamentos de uma pesquisa de mestrado que tem sido desenvolvida com crianças. Com isso, trazemos alguns exercícios de pensar um estudo que se relaciona com a infância, uma temática que despertou interesse em ambas as investigadoras e provocou inquietações que nos colocaram em um movimento de repensar concepções de pesquisa, escola, matemática, narrativa, assim como, da própria infância.

Iniciamos nossa pesquisa com algumas questões: como escola e matemática são construídas nas narrativas de crianças na idade de 4 e 5 anos? De que modo crianças que estejam vivenciando a Educação Infantil espacializam a escola e a matemática ainda não disciplinar? A partir desses questionamentos, a investigação passou a ter como foco principal a produção de narrativas com crianças de 4 e 5 anos que frequentassem a pré-escola, na Educação Infantil, uma vez que acreditamos que essas produções possam contribuir

significativamente para uma leitura diferenciada dos espaços escolares da Educação Infantil em que se encontram, nesse caso, da creche e da pré-escola.

Acreditamos que ao pensarmos uma pesquisa que busque ouvir as crianças, nos distanciando dos estudos que propõe dar voz a elas, olhando para seus interesses, suas práticas, suas histórias e brincadeiras, podem surgir novas possibilidades para pensar a escola e a matemática na e para a infância. Compreendemos que as crianças, nos espaços que frequentam, possuem vozes, as mais diversas, e que, com suas narrativas, podemos fazê-las ressoar em outros ambientes como, por exemplo, o da academia. Este contexto, nos motivou a pensar um trabalho em que haja efetivamente a participação de crianças, de modo que este se constitua na interação entre criança e pesquisadora.

A escolha pela Educação Infantil se deu pelo fato de que nesse nível escolar as aulas ainda não apresentam uma estrutura disciplinar, o que pode nos aproximar de uma matemática da infância, dos significados construídos pela própria criança, ou seja, de um olhar para além do que chamamos de matemática.

Esta pesquisa se vincula aos estudos do Grupo “História da Educação Matemática em Pesquisa”, que tem se movimentado a pensar, dentre outras coisas, novas possibilidades para a construção de narrativas. Com isso, no campo metodológico, nosso trabalho se propõe a pensar e problematizar a construção de fontes narrativas com crianças, o que contribui para um movimento de efetivação de trabalhos com essa temática no âmbito do campo científico.

Seguindo essa direção, optamos por encontros com crianças de 4 e 5 anos, que frequentem a Educação Infantil, indicadas ou que tenham algum tipo de proximidade com alunos e/ou professores do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática (PPGEduMat), com as quais poderíamos pensar uma situação de entrevista, que em cada caso tem sido desenvolvida de uma maneira diferente. Já foram realizados 5 encontros e 6 crianças²³ foram entrevistadas, um dos encontros ocorreu com três crianças e uma delas foi entrevistada novamente em um encontro individual em que houve uma produção de desenhos.

Para realizar essas entrevistas lançamos um olhar para perspectivas que nos ajudassem a pensar a narrativa na infância, uma vez que nos interrogávamos quanto aos modos de produzi-las e analisá-las, principalmente, no que se refere ao enredo de situações de entrevistas, e suas respectivas transcrições e textualizações. Na busca por pistas, olhamos inicialmente para pesquisas que vem mobilizando estudos com crianças e com a construção de

²³ Os nomes utilizados para identificar as crianças entrevistadas são fictícios, pois as narrativas ainda estão sob tratamento das pesquisadoras para que sejam autorizadas em um termo de consentimento livre e esclarecido.

narrativas na infância. Chisté (2015), se apresentou como um disparador para as nossas intenções, pois a autora desenvolveu uma pesquisa com a produção de imagens com crianças. Domingues (2016), Fernandes (2015) e Rocha (2012) trazem pesquisas que mobilizaram a produção de narrativas com crianças em diferentes ambientes, como escolas e hospitais, propondo-se a repensar instituições da infância. Estes trabalhos, ofereceram elementos para que compreendêssemos com a infância seus modos de narrar.

Com isso, trazemos neste artigo o tópico “Alguns olhares para a infância”, em que nos propomos a evidenciar algumas das perspectivas que tem nos ajudado a fazer uma leitura da infância como modo de vida, tecendo nossas próprias compreensões frente a ela. Em seguida, em “Por onde?”, evidenciamos alguns dos percalços metodológicos dessa pesquisa e os encaminhamentos que temos feito na direção de repensar procedimentos, posturas e produções com a infância. Por último, buscamos experimentar um exercício de olhar para algumas das narrativas que temos produzido na perspectiva de Manoel de Barros, que em sua poesia faz o “*verbo pegar delírio*”, tendo em vista que temos percebido nas narrativas das crianças que as palavras e perguntas lançadas em nossos diálogos, pegam os mais diversos e inesperados delírios.

Os nossos olhares para a infância estão em constante mudança, pois a cada encontro, cada diálogo, nos familiarizamos mais com as crianças e seus modos de interagirem com a pesquisa. Estamos aprendendo a desaprender os roteiros, as perguntas, as respostas prontas e esperadas, as nossas posturas, as regras que silenciam a espontaneidade, as afirmações dominadoras, a insegurança de olhar para os delírios e as insignificâncias. Estamos olhando para a infância com a infância.

Alguns olhares para a infância

Fazer uma pesquisa que discuta a infância é também fazer um esforço muito grande para constituir um olhar de criança, uma vez que nos colocamos a pensar sobre a seguinte questão: o que a criança nos oferece para tomar contato com o mundo? É também um convite para se sujeitar a outras sensibilidades.

Walter Kohan (2003, p. 238), em um de seus livros, relata que “a infância, como fase a ser abandonada, foi objeto das mais diversas tentativas de silenciamento bem como dos mais diversos sonhos de emancipação, liberdade e racionalidade que foi capaz de pensar o homem moderno”. Com isso, percebe-se que por uma crença em uma saudável e inevitável evolução, aprendemos a silenciar a infância. Esse silenciamento acontece de forma gradativa e quase

invisível, pois a criança não é impedida de falar, mas deixa de ter para quem contar as suas histórias, deixa de ser ouvida. E será que estamos dispostas a ouvi-las? Ou ainda, sabemos ouvi-las?

A infância é uma condição, um modo de vida que se expressa das mais variadas formas e com os seus próprios modos. Modos esses que nos colocamos em vigília para não direcionar, silenciar, condicionar e até mesmo modificar, para atender nossos objetivos de pesquisa. Apesar de o encontro entre uma pesquisa e uma criança não ser desprezioso—pois não há investigação sem pretensão—existe um empenho em não desenvolvermos uma pesquisa que se sirva das crianças para vasculhar a infância em busca de vestígios que nos interessem e, sim, uma pesquisa que se dê efetivamente com a participação das crianças e dos seus modos de interação com o trabalho.

Temos percebido que, em muitas situações, quando as atenções se voltam para a infância são para criar concepções e discursos com o intuito de distanciar as crianças da infância e criar condições para que elas se tornem as projeções idealizadas pelo adulto. Por isso, as distintas expectativas criadas em torno da infância, alimentam muitos textos e pesquisas que causam angústias por tratarem de múltiplas noções e compreensões diferentes para um mesmo conceito. Talvez tratar a infância por definições, interpretações e conceitos seja importante e necessário, entretanto, é possível que essa postura omita suas interessantes experiências.

O caminho que propomos aqui é o caminho infante, uma vez que, “a infância é a condição de ser afetado que nos acompanha a vida toda. O dito e o não-dito, a falta de palavra, a ausência de voz (in-fans), nos afetos. É aquela singularidade silenciada que não pode ser assimilada pelo sistema” (KOHAN, 2003, p. 239). Em uma pesquisa com crianças, infante, há um esforço para construção de um olhar de criança para o mundo. Nesse sentido, a criança pode nos oferecer muitas outras possibilidades para tomar contato com o mundo.

A aproximação com a infância pode, muitas vezes, ser incômoda pela inexperiência que temos para lidar com a desordem. E, além disso, a criança pode nos dizer muito sobre as nossas fraquezas e limitações. A criança não é apenas um aprendiz que desconhece coisas, ela também ensina, questiona e desenvolve estratégias o tempo todo para estar com os adultos. Com isso, mesmo com a imaturidade, a criança está preparada e ansiosa para lidar não só com modos acriançados.

A criança exige dos adultos explicações claras e inteligíveis, mas não explicações infantis, e muito menos as que os adultos concebem como tais. A criança aceita

perfeitamente coisas sérias, mesmo as mais abstratas e pesadas, desde que sejam honestas e espontâneas [...]. (BENJAMIN, 1994, p. 236-237)

Há muito que se pensar e discutir sobre a infância, mas em nosso trabalho, temos a intenção de estar com as crianças, que antes de compor definições, perspectivas e conceitos, estão por aí, inventando, aprendendo, brincando e espacializando o mundo, das mais diversas maneiras. E sobre isso, há muito mais para se falar. E quando não tem nada para dizer, a criança faz de conta, faz com que as coisas – palavras, objetos, movimentos – peguem delírios.

Sua vitalidade para fazer as coisas e explorar o espaço não condiz com a pausa reflexiva e com a olhada para trás que fazem com que os lugares pareçam saturados de significância. A imaginação da criança é de um tipo especial. Está presa à atividade. Uma criança cavalga um pau como se estivesse sobre um cavalo de verdade, e defende uma cadeira virada como se fosse um verdadeiro castelo. (TUAN, 1983, p. 37).

Na infância tudo parece ser mais interessante, novo, encantador, então existe algo diferente nas experiências da criança. De fato, no encontro entre a criança e o adulto, o modo de ver o mundo não se diferencia apenas pela maturidade ou a falta dela, mas pelos interesses, que divergem.

Elas [as crianças] se sentem atraídas irresistivelmente pelos detritos, onde quer que eles surjam [...]. Nesses detritos, elas reconhecem o rosto que o mundo das coisas assume para elas, e só por elas. Com tais detritos, não imitam o mundo dos adultos, mas colocam os restos e resíduos em uma relação nova e original. Assim, as próprias crianças constroem seu mundo de coisas, um microcosmos nomacrocosmos. (BENJAMIN, 1994, p. 237-238)

Quando nos voltamos para as insignificâncias da infância são evidenciadas experiências que os conceitos e definições não dão conta de apresentar. No entanto, optar por trilhas e caminhos desconhecidos ou já esquecidos, convidando crianças para conversar e a partir desses diálogos compor com elas, falas e expressões de uma infância, não pode ser complicado e, além disso, arriscado? Talvez! Porém, talvez também seja interessante, desafiador e potente caminhar com o infante e quem sabe também tornar-se aquele

que não fala tudo, não sabe tudo e nem pensa tudo, mas que pensa de novo e faz pensar de novo. É aquele que, na impossibilidade de se expressar, cria significados, recupera ideias, vasculha funcionamentos, e narra o que foi experienciado. Caminhar em direção à infância significa, portanto, re-encontrar nossa própria condição infantil. (FLORES, 2017, p. 184)

As crianças das quais nos aproximamos para realizar essa pesquisa estão nos apresentando – ou despresentando – uma escola da infância, de suas atividades, brincadeiras, gostos e desgostos. E não tem sido só sobre a escola que elas têm lançado seus olhares e

expressões, mas também sobre nós pesquisadores e sobre nossas perguntas, posturas, interesses e desinteresses.

Por onde?

*Tinha uma boneca que,
sabe aquelas coisas que ela roda e faz assim com a mão?*

Helena, 5 anos.

A boneca não tem voz, é apenas um brinquedo que pode ser manipulado. Algumas giram os braços, a cabeça, as pernas, mas elucidaria melhor esse exemplo se, como a Helena, pudesse mostrar os movimentos do braço da boneca usando meu próprio corpo, foi assim que ela fez. Nesse caso, a explicação de Helena foi detalhada, porém, a transcrição desse diálogo, ou seja, o texto escrito, pode não dar conta de retratar sua história.

Figura 1: Imagem da entrevista com Helena.



Fonte: Acervo da pesquisa.

Metodologicamente, essa tem sido uma das principais discussões em nosso trabalho. Uma pesquisa que envolva discussões acerca de narrativas e crianças demanda certos cuidados teóricos e metodológicos, principalmente quanto aos procedimentos utilizados para a constituição do material que chamamos de narrativa, que geralmente envolve situações de entrevistas. Nesse sentido, o que se pretende aqui é pensar sobre as possibilidades e potencialidades na constituição de narrativas com crianças sobre escolas e matemáticas, narrativas outras, que se constroem e tomam diferentes formas em diálogos e interações entre criança e pesquisadora.

Com a intenção de compreender como as crianças espacializam a escola na Educação Infantil, buscando olhar para os modos que praticam esse espaço escolar, e nele, significam objetos, pessoas, e também, a matemática, optamos por fazê-lo por meio das narrativas, que se mostra uma alternativa para a construção de fontes com crianças.

Falamos anteriormente sobre o procedimento de transcrição, que se trata de uma das etapas da metodologia História Oral (SILVA e SOUZA, 2007; SOUZA, 2006), a qual viabiliza a produção de narrativas (BENJAMIN, 1994 e BRUNER, 2014), como fontes de

pesquisas orais e escritas, e, que nos aproximamos no início dessa investigação, pela familiaridade das pesquisadoras com tal estratégia.

Ao utilizarmos alguns elementos da metodologia Historia Oral para construção de narrativas, tomamos alguns procedimentos específicos, como o mapeamento e contato com possíveis depoentes, que no caso eram crianças entre 4 e 5 anos que frequentassem a Educação Infantil, a construção de um roteiro de entrevista, que se deu de diferentes maneiras, a gravação da entrevista, que foi realizada em áudio e vídeo, e a transcrição e textualização das fontes orais, buscando fazer adaptações voltadas para a infância.

Logo nos primeiros encontros com as crianças de 4 e 5 anos, com o intuito de direcionar o olhar para pensarmos maneiras de nos lançarmos na pesquisa, percebemos a necessidade de problematizar alguns desses procedimentos, frente as muitas inquietações, surpresas e percepções, principalmente, quanto a postura do pesquisador durante as entrevistas e, posteriormente, com o tratamento das mesmas.

Com áudios, vídeos, fotos e desenhos em mãos surgem algumas dificuldades. Uma delas já havia causado desconforto desde o primeiro encontro, que é a textualização da entrevista. Cada criança tem sua particularidade, seu modo de falar, de se expressar e a sensação é que muito das características da linguagem das crianças se perdem nos procedimentos de transcrição e textualização. Além disso, outra dificuldade ou talvez apenas uma adversidade tem sido também compor essas narrativas ou com essas narrativas e seus muitos elementos.

A partir disso, um dos questionamentos que nos fizemos foi quanto a essas composições que, apesar de ainda serem um quebra-cabeça, nos pareciam interessantes: seriam essas composições ainda narrativas?

Geralmente, relacionamos narrativa com o contar histórias. Entretanto, também podemos pensar narrativa como algo que seja possível “ler”, ou ainda, decodificar e, nesse caso, uma frase pode ser uma narrativa, uma imagem pode ser uma narrativa, uma performance, uma pintura, uma música... Não existe uma única maneira de contar histórias. Nessa direção, buscamos construir algumas ideias e possibilidades outras para narrativa, para além de uma definição única e limitada, o que certamente silenciaria muitas histórias.

Em uma pesquisa é natural que surjam questões como essas, uma vez que, produzir narrativas resultantes de um encontro entre pesquisadora e criança, cujas falas, gestos, perguntas, respostas, brincadeiras, silêncios e outras expressões, compõem um diálogo que, quando transcrito, retratará a narrativa de uma criança e dificilmente atenderá padrões e

características clássicas da narrativa. Assim é a narrativa da criança. E, para além disso, Benjamin (1994, p. 220-221) afirma que “[...] a narração, em seu aspecto sensível, não é de modo algum o produto exclusivo da voz. Na verdadeira narração, a mão intervém decisivamente, com seus gestos [...] que sustentam de cem maneiras o fluxo do que é dito”.

Ainda que as narrativas das crianças se constituam sob certa mediação privilegiada de diversos elementos, com poucas e talvez desconstruídas palavras, a criança narra, conta sobre si e quando nos depararmos com essas histórias seremos tomados por suas experiências infantis. Nesse sentido, a proposta de se pensar a produção de narrativas com crianças tende a criação de espaços de diálogos para que a criança comece a narrar, contar sua história, para que suas experiências se tornem passíveis de compreensão.

O que se tem visto em pesquisas com crianças pequenas, geralmente envolve a observação em sala de aula e/ou a produção de vídeos que registrem os modos como as crianças se expressam cotidianamente. Frente à potencialidade do vídeo, a narrativa com crianças, quando entendida equivocadamente como uma produção que se limita ao texto escrito, pode ser subestimada, principalmente pela sua efemeridade, por ser sucinta e por não explorar toda a capacidade de expressão das crianças. Apesar disso, no trabalho que estamos desenvolvendo optou-se por considerar, inicialmente, essa narrativa como uma alternativa para a construção de fontes com crianças.

Ao se pensar produção de narrativas com crianças, parece inviável estabelecer metodologias e critérios a priori, pois muitos são os desvios, adequações e adaptações que fazemos em cada situação. Frente a isso, diferentes exercícios estão sendo realizados nessa pesquisa, sem muitas regras, como ensaios que relacionam teoria e prática, com os quais dialogaremos a todo o momento.

Até o momento, foram realizados 5 encontros, com a participação de 6 crianças, sendo que um dos encontros aconteceu com três crianças e com uma delas houve ainda um outro encontro individual. Nas transcrições e algumas textualizações já realizadas, que já são um processo analítico, percebemos alguns movimentos da criança ao falar sobre determinadas questões de interesse da pesquisa, como vêm e dão significados a certos objetos, atividades, espaços e conceitos, por exemplo.

Assumimos que a narrativa com as crianças tem suas limitações, como os obstáculos tratados acima, assim como, reconhecemos que muita coisa se perde nesses exercícios em que constituímos narrativas com crianças, mas também percebemos que existem diversas potencialidades a serem exploradas.

Dessa forma, ao direcionarmos nosso trabalho a infância e a criança que frequenta a Educação Infantil, Leite (2011) sinaliza que não nos colocamos em um experimento, mas em uma pesquisa que nos convida a caminhar por caminhos que vão sendo criados e inventados com pistas que vão se produzindo. Colocamo-nos a escuta e as crianças foram trazendo relatos, brincadeiras, atividades, perguntas, desordem, inquietação e preocupação, em exercícios que tem nos feito repensar pesquisas, metodologias, teorias, posturas.

Enquanto isso...

*No descomeço era o verbo.
Só depois é que veio o delírio do verbo.
O delírio do verbo estava no começo, lá, onde a
criança diz: Eu escuto a cor dos passarinhos.
A criança não sabe que o verbo escutar não funciona
para cor, mas para som.
Então se a criança muda a função de um verbo, ele
delira.
E pois.
Em poesia que é voz de poeta, que é a voz de fazer
nascimentos
O verbo tem que pegar delírio.
(BARROS, 2015, p. 83).*

Quando pensávamos na realização de entrevistas com as crianças, não tínhamos uma percepção de como isso aconteceria. Na verdade, haviam algumas questões que a pesquisa pretendia responder, então esperava-se algo, talvez algumas respostas. O que não sabíamos ao certo era como elas viriam.

Nos diálogos, as respostas vieram, das mais diferentes formas, na direção de algumas questões, em direções outras, em forma de outras perguntas, algumas até pegaram delírio! Por mais que não soubéssemos o que esperar e, com isso, já subentender que contávamos com o inesperado, ainda fomos surpreendidas pelas vozes da infância que nos atropelaram com suas despreziosas maneiras de ver o mundo.

Os verbos e suas respectivas ações têm uma certa facilidade para pegarem delírios, mas além deles, as crianças também movimentam outras palavras, até as mais estagnadas pegam delírios com elas. As definições? Manoel de Barros já dizia, que “as coisas que não têm nome são mais pronunciadas por crianças”. Talvez por isso elas não se apeguem a palavras e suas definições, preferem nos surpreender. Como elas, é preciso transver o mundo (BARROS, 1997).

- E a matemática é a gente ir na roda e contar notícias. *Francisco, 4 anos.*

- A matemática é balé, é assim que faz balé. *Francisco, 4 anos.*

- A escola é quando a gente trabalha. Eu trabalho na escola um monte, eu brinco, eu faço circle, e circle é quando é a roda. *Francisco, 4 anos.*

- Eu acho que matemática é contar os números, o ABC... *Maria, 6 anos.*
 - O A-E-I-O-U. *Laura, 4 anos.*

Durante as entrevistas, frente a uma resposta inesperada, duas eram as opções: mudar de assunto e seguir em frente ou refazer a pergunta. Frente ao inesperado, tudo se fez. Quanto mais as perguntas eram refeitas, mais pegavam delírio. Um desenho pode pegar delírio?

- Você não vai desenhar?
 Aqui eu vou... aqui é... a gangorra. *Laura, 4 anos.*
 Hum... *Pesquisadora.*
 Não, aqui é uma árvore. É uma árvore. *Laura, 4 anos.*
 Tá bom. *Pesquisadora.*
 Aqui... o rio e um... *Laura, 4 anos.*
 E tem rio lá na sua escolinha? *Pesquisadora.*
 (Laura faz um sinal de negação com a cabeça)
 Não?!
 E o rio é o que? Fica do lado do escorrega?
 O rio fica do lado do escorrega?
 E a gangorra? *Pesquisadora.*
 Desenha! *Laura, 4 anos.*

A matemática até tenta aparecer na conversa, mas a criança usa seus conhecimentos e estratégias narrativas para compor as mais impressionantes fugas. Fugas que enriquecem as narrativas, nas quais exibem claramente suas reais preocupações e interesses.

- O que que é matemática? *Mamãe do Francisco.*
 - Mãe, ele vai sumir? *Francisco, 4 anos.* (Francisco pergunta sobre um bonequinho)
 - E você gosta também de matemática Laura? *Pesquisadora.*
 - Eu sei nadar sem boia! *Laura, 4 anos.*
 - Eu queria que você me contasse agora o que você lembra lá da sua escolinha, qualquer coisa que você goste de contar para as pessoas.... *Pesquisadora.*
 - Eu to pegando aqui, tem um negócio quadrado. *Laura, 4 anos.*
 É da capa do sofá. *Pesquisadora.*

A criança ainda resiste frente a uma pesquisadora que claramente ignora seu belo discurso teórico em uma busca insana por respostas para sua pesquisa. Ao analisar a entrevista, também está em cheque a postura da pesquisadora e o modo como conduziu a conversa, em algumas questões a vontade de fazer como a Laura e pedir para desfilmar é muito grande.

- Tata, agora pode desfilmar. *Laura, 4 anos.*
 E você pinta por favor. *Laura, 4 anos.*
 Humm... E você vai fazer o que? *Pesquisadora.*
 Ué, vou pintar uma coisa. *Laura, 4 anos.*
 E a sua sala de aula? Podia pintar ela, né?! *Pesquisadora.*
 Vou pintar... vou fazer um piriquito. *Laura, 4 anos.*
 Um piriquito? E tem piriquito lá na escola? *Pesquisadora.*
 Uhum... *Laura, 4 anos.*
 Não? *Pesquisadora.*

Vou fazer eu. *Laura, 4 anos.*
 Essa é você? *Pesquisadora.*
 Não, é eu dormindo. *Laura, 4 anos.*

Pinta minha casa...
 ...enquanto eu bebo um pouco de água. *Laura, 4 anos.*
 Ah, você vai beber um pouco de água.
 Quer ajuda?
 Lá na escola vocês bebem água também?
 Mas você tem a garrafinha ou tem água lá na escola? *Pesquisadora.*
 ...
 Pinta de colorido. *Laura, 4 anos.*

Um desenho pode certamente pegar delírio, mas nem sempre.

O que é isso que você desenhou?
 É igual que vocês fazem na escola?
 Ou na escola é diferente? *Pesquisadora.*
 Na escola é diferente. *Laura, 4 anos.*
 Por que? *Pesquisadora.*
 Porque não pode sair fora do risco. *Laura, 4 anos.*

Figura 2: Desenho de Laura.



Fonte: Acervo da pesquisa.

Assim como nos chama a atenção o rio da escola desenhada por Laura, a ponto de questionarmos sobre a existência dele, ela também nos faz questionar as nossas regras enquanto escola, que desfruta da sua obediência, mas limita possibilidades de produção, de aprendizado, de delírios. Na escola, parece não ser possível escutar a cor dos passarinhos.

Nessa pesquisa, escolas se cruzam a todo momento. A escola contada pela criança deveria ter destaque por aqui, mas parece que sempre se espera por outras respostas e que elas se aproximem da escola familiar aos adultos. Qual escola realmente interessa a essa pesquisa?

Depois que você fica na escola, o que vocês vão fazer primeiro? *Pesquisadora.*
 Fazer xixi, fazer tarefa, ir no lanche, escova o dente, ir embora e pronto. *Laura, 4 anos.*

E não tem sala de aula? Na minha tem sala de aula, na sua não tem? *Pesquisadora.*
 Que que tem isso? *Laura, 4 anos.*
 É uma borracha.
 Na minha tem sala de aula, na sua não tem sala de aula?
 (Laura faz um sinal de negação com a cabeça)
 Nenhuma? *Pesquisadora.*
 Laura: Não. *Laura, 4 anos.*

Em cada entrevistas um encontro, uma surpresa, algo inesperado. Muitos são os fragmentos dessas narrativas com crianças que chamam a atenção e muitos outros poderiam ter sido trazidos, especialmente, por surpreenderem pesquisadora, quem participa da conversa e também o leitor.

Essa busca por respostas, nos fez perceber certos despropósitos da infância em pesquisa, voltando nossos olhares para insignificâncias e delírios potentes e infantis. Sim, existem muitas particularidades e fragilidades nas narrativas das crianças. E por que elas contam de outra maneira? Simplesmente porque não existe uma única maneira de contar. E, na sua maneira, não somente pela fala, composta por suas frases curtas, mas também pelos silêncios, gestos, movimentos, olhares, sorrisos, inquietações e outras expressões, falam de si, dos lugares que vivenciam e do que mais lhes interessam. Elas narram e com elas as narrativas pegam delírio. Não só escutam a cor dos passarinhos, mas conseguem ver escolas sem sala de aula, matemáticas sem números e são até solidárias com pesquisadoras que perguntam sobre ter água e periquitos na escola.

Por fim

As entrevistas com as crianças nos fizeram levantar muitas questões acerca de como nos relacionamos e tratamos a infância, nos colocando também em um movimento de repensar pesquisa, entrevista, narrativa, metodologia, dentre outros conceitos. Em cada encontro nossa pesquisa tem sido chacoalhada por essas narrativas, o que traz instabilidades importantes e significativas para esse processo investigativo, como os deslocamentos metodológicos e teóricos que evidenciamos aqui, provocados pela própria pesquisa.

Nesse sentido, lançamo-nos ao novo, a experiências que nos aproximam da infância, da sua invenção, das palavras que pegam delírio, dos silêncios, dos desenhos, dos riscos. E, como no exercício que trouxemos neste artigo, nos colocamos diante dessas produções, das narrativas das crianças, que fogem do roteiro e que não se preocupam com um objetivo ou com definições, em um movimento de análise que dialoga com poesia.

Com isso, ao olhar com Manoel de Barros para essas narrativas, carregadas do inesperado e de surpresas, percebemos um desvio natural dos nossos objetivos iniciais e, assim, nos deparamos com diálogos que alteram e movimentam a todo momento essa pesquisa, pesquisadoras, objetivos e concepções.

Referências

BARROS, Manoel de. *Meu quintal é maior do que o mundo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

_____. *Livro sobre nada*. 3. ed. Rio De Janeiro: Record, 1997.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura – Obras escolhidas I*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BRUNER, Jerome. *Fabricando histórias: direito, literatura, vida*. São Paulo: Letra e Voz, 2014.

CHISTÉ, Bianca Santos. *Devir - criança da matemática: experiências educativas infantis imagéticas*. 2015. 106 p. Tese de Doutorado - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro, 2015.

DOMINGUES, Rafaella Maria de Varella. *Era uma vez... Histórias de crianças (con)vivendo com a recidiva do câncer e seus ensinamentos sobre o cuidado*. 2016. 209f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016.

FERNANDES, Iêda Licurgo Gurgel. *Da educação infantil ao ensino fundamental: o que contam as crianças sobre essa travessia na cultura de escola*. 2015. 138f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015.

FLORES, Cláudia Regina. In-fante e profanação do dispositivo da aprendizagem matemática. *Perspectivas da Educação Matemática - INMA/UFMS* - v. 10, n. 22, seção temática, p. 171-188, 2017.

KOHAN, Walter. *Infância*. Entre filosofia e educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

LEITE, César Donizetti Pereira. *Infância, experiência e tempo*. São Paulo: Cultura Acadêmica. 2011.

ROCHA, Simone Maria da. *Narrativas infantis: o que nos contam as crianças de suas experiências no hospital e na classe hospitalar*. 2012. 163 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012.

SILVA, Heloisa, SOUZA, Luzia Aparecida de. A história oral na pesquisa em Educação Matemática. In. *Boletim da Educação Matemática*. Ano 20, n. 28. Rio Claro: Unesp, Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática, 2007. p. 139-162.

SOUZA, Luzia Aparecida de. *História oral e Educação Matemática: um estudo, um grupo, uma compreensão a partir de várias versões*. 2006. 314 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2006.

TUAN, Yi Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: DIFEL, 1983.